

A CIDADE EM DEZ VOZES (LIVROS DE VERSOS SOBRE O ASFALTO)

Fim de tarde, calor de fogão desligado, e a cidade parecia ter sido recém passada a ferro. Entrei no sebo para fugir do sol — esse editor implacável que corta o supérfluo — e o livreiro me recebeu como quem acharia, para mim, a rua certa dentro de um livro. Saí de lá com uma sacola leve e pesada, ao mesmo tempo: dez livros de versos. Decidi atravessar o centro a pé, deixando que cada um me guiasse um quarteirão.

Homero abriu o caminho. A **Ilíada** anunciou sua música antes do texto: buzinas como trombetas, motos como carros de guerra, armaduras improvisadas brilhando no cromado dos retrovisores. A fúria que move heróis era, ali, impaciência de motorista; e, ainda assim, pressenti sob o barulho uma lei antiga: o desejo de glória travestido de urgência. Homero me ensinou a caminhar mais devagar, como quem atravessa um campo de batalha sabendo que a vitória, se vier, será apenas um modo provisório de silêncio.

Na sombra da primeira igreja, **Dante** pediu passagem. A **Divina Comédia** não era uma escada; era o elevador do prédio vizinho. O inferno: porão abafado, lâmpada queimando, o forte cheiro de mofo prometendo eternidade. O purgatório: o térreo, onde carteiros, zeladores e fiéis fazem a fila da vida e da penitência, cada um com seu pequeno pecado na bolsa. O paraíso: a cobertura, janela aberta para o céu desencardido da tarde — não um lugar claro, mas um ar que alivia. A cidade inteira, em tercínas invisíveis, subia e descia comigo. Fiquei com a impressão de que a salvação é, às vezes, o vento que acontece quando se empurra uma janela emperrada.

Dei de cara com a ponte. **Camões** pediu mar, e o único mar disponível era o rio encanado do tráfego: semáforos como faróis, ônibus adiantando o casco, vendedores ambulantes por sereias, oferecendo iscas de açúcar. **Os Lusíadas** me lembraram que toda viagem começa no chão conhecido — e que, se a rota é o próprio risco, é melhor aprender a ler as nuvens do escapamento. Descobri, ali, que um verso épico pode caber no intervalo de um pedestre entre um verde e outro.

No café da esquina, uma mesa com espelho: **Shakespeare** sentou-se diante de mim sem se apresentar. **Sonetos** não precisam de crachá. Uma mulher pediu um pingado e ficou olhando o próprio rosto, como quem negocia com o tempo uma trégua mínima. Amor, ciúme, amizade, inconstância: tudo coube no açucareiro. Havia uma ciência delicada em medir grãos, e o barista, involuntário alquimista,

organizou os líquidos como se pudesse atrasar um pouco as rugas do mundo. Vi que a forma fixa não é cárcere; é um relógio que marca o coração.

Atravessando a praça, **Baudelaire** tossiu um perfume. **As Flores do Mal** eram as flores da banca de jornal, úmidas de borrifador; eram também as poças de chuva antiga, a sombra de um prédio sobre mendigos que dormiam enrolados em manhãs que não vieram. Senti a cidade como um corpo em ressaca: um ombro lindo que não sabe para onde virar. O poeta, albatroz acostumado ao alto, coxeava no chão do calçamento. Ainda assim, entre bitucas e anúncios luminosos, um fragmento de beleza: uma senhora dividia pães com pombos. Não era redenção; era um gesto — e bastou.

O parque reservou outra respiração: **Whitman** chegou abraçando o que via. **Folhas de Relva** é um coro — vendedores de picolé, skatistas, mães distraídas em bancos de sombra, um casal rindo demais, um adolescente treinando um salto como se o corpo já soubesse que pertence a um continente maior. Ali o verso não caminhava; multiplicava-se. Listei mentalmente o que compõe uma tarde: vozes, suor, um cachorro que acredita no infinito, árvores tirando o chapéu para a brisa. Democracia parecia ser isso: cada coisa acesa do seu jeito, sem que nenhuma tivesse de apagar a outra.

Num portão discreto, **Emily Dickinson** bateu sem som. Seus **Poemas** não pedem avenida; pedem soleira. Encostei a testa na grade fria e, por um segundo, o mundo ficou do tamanho de uma abelha. Um bilhete preso com fita crepe — “volto já” — tinha mais metafísica do que muito tratado. O mistério não precisava de alarde: uma casa pode ser um cometa, se alguém a olhar na hora certa. Emily me ensinou a não perder as migalhas de assombro: elas alimentam pássaros que ninguém vê.

Bastou virar a esquina para o chão ficar irregular. **T. S. Eliot** não trouxe um livro; trouxe um canteiro de obras. **A Terra Devastada** estava ali, não como ruína romântica, mas como construção interrompida: vergalhões à mostra, um operário cantando numa língua que eu não decifrei, o vento carregando poeira que parecia antiguidade em pó. Fragmentos pediam encaixe, e, no clangor das máquinas, havia a sensação de que a época, cansada, procurava um encaixe novo. Saí de lá com a roupa manchada de cimento; às vezes a modernidade gruda.

Na alameda seguinte, bandeirinhas de festa junina guardadas fora do tempo. **Cecília Meireles** reprendeu sua cantiga. O **Romanceiro da Inconfidência** não precisou de museu: bastou um grupo de estudantes ensaiando, ao pé de um monumento, uma peça simples. Falaram de traição e coragem, de ouro e pólvora, de cartas que viajam pelos bolsos de quem acredita. O ritmo das redondilhas juntou o passado ao passo, e percebi que, se a memória tem forma, é a de um refrão que pessoas comuns podem guardar de cor.

O último quarteirão foi de **Drummond**. **A Rosa do Povo** abriu-se em notícias velhas num rádio de oficina, em parafusos perdidos no chão, em contas a pagar coladas com um ímã de geladeira numa lanchonete que vendia pão com pernil. A vida, com sua docura e ferrugem, pedia atenção. Havia um obstáculo no meio do caminho — não digo qual —, mas ele não era metáfora; era coisa mesmo. E, no entanto, tive a impressão de que, com algum humor e uma espécie de ternura desencantada, a cidade se tornava um pouco mais habitável.

Cheguei em casa com os dez volumes suando na sacola. Coloquei-os sobre a mesa, desta vez não por datas, mas por temperamento. **Homero** ao lado de **Whitman**, para lembrar que o épico também pode ser abraço; **Dante** perto de **Cecília**, porque ambos transformam a escada em canto; **Camões** vizinho de **Baudelaire**, marinheiros em mares de diferentes substâncias; **Shakespeare** trocando sinais com **Emily**, nona sinfonia do íntimo; **Eliot** fazendo fronteira com **Drummond**, ruínas e oficinas conversando sobre remendos.

Fiquei algum tempo sem abrir nenhum. Há instantes em que os livros falam melhor com a lombada. Pensei na cidade atravessada por eles, e neles atravessados pela cidade. Entendi que o verso não é fuga: é engenharia de arejamento. Abre janela no tijolo do cotidiano, encana vento por entre as ferpas da semana, planta grama no concreto cansado. O mundo não melhora por decreto, mas respira melhor quando alguém acerta a medida de uma palavra.

Antes de escurecer, apoiei a mão sobre a pilha. Senti que cada livro tinha uma temperatura. **Ilíada** ardia como chapa; **Divina Comédia** alternava brasa e brisa; **Lusíadas** tinham sal; **Sonetos** eram morno súbito de pele; **Flores do Mal** cheiravam a chuva esquecida; **Folhas de Relva** traziam terra; **Poemas** eram porcelana; **Terra Devastada** soltava pó; **Romanceiro** era couro de tambor; **Rosa do Povo** tinha graxa nas pétalas. Ri sozinho. A poesia, afinal, é o laboratório onde a experiência aprende a ter cheiro.

Quando a noite chegou, a cidade mudou de lâmpadas. Acendi a luminária e, por teimosia, abri primeiro **Drummond**. O rádio do vizinho tocava uma canção antiga; em algum lugar alguém discutia futebol; uma panela batia como sino. Pensei que o verso se parece muito com uma boa crônica: recolhe migalhas do real e as assa até virar pão. Amanhã abrirei outro — talvez **Emily**, para aprender a ouvir os ruídos mínimos da manhã; talvez **Dante**, para subir degraus. Não há pressa. Os dez esperam como amigos pacientes.

Escolhe um. Se abrirmos **Whitman**, a sala fica maior; se for **Baudelaire**, o sofá entenderá a beleza do cansaço; com **Camões**, a varanda vira proa; com **Shakespeare**, a xícara faz um pacto com o tempo; com **Homero**, até o ventilador ganha couraça; com **Cecília**, a memória dança; com **Eliot**, as rachaduras contam história; com **Dante**, o corredor tem céu; e, com **Drummond**, a geladeira escreve

bilhetes. É só abrir. O resto a cidade faz — e a poesia, como sempre, acende a luz do nosso lado de dentro.